

Treinamento de peritos

Especialistas britânicos estiveram em Brasília treinando 17 peritos, de nove estados, no combate à tortura. A troca de experiências faz parte de uma parceria de três anos entre os governos do Brasil e do Reino Unido. Para Sherman Carroll, diretor do Medical Foundation, uma entidade britânica sem fins lucrativos de combate à tortura, o mais importante é fazer os profissionais brasileiros dialogarem e trabalharem juntos. Ele destaca que o treinamento enfatiza também as técnicas de entrevistas e a forma adequada de fazer os relatórios no caso de torturas psíquicas. "A identificação dos danos psicológicos, havendo ou não danos físicos, é um item no qual o Brasil precisa melhorar", afirmou.

Para a perita criminal Ana Paula Diniz, da Polícia Civil do DF, é preciso um trabalho conjunto dos profissionais envolvidos para combater adequadamente a tortura. "Só com uma atuação afinada de peritos psicólogos, criminais e médicos legais podemos formular um conjunto probatório eficiente nesses casos, que são, quase sempre, de difícil comprovação", afirma. Ela lembra que o acesso às cadeias e penitenciárias poderia colaborar muito para a apuração das denúncias de tortura. "O corporativismo impede o ingresso de peritos. E as vítimas quase nunca são identificadas rapidamente", diz.

Recomendações

Introduzir novas metodologias na rotina dos profissionais de perícia forense é o trabalho atual dos agentes. Um guia de 2005, intitulado Protocolo Brasileiro — Perícia Forense no Crime de Tortura, traz orientações que podem fazer diferença para a apuração dos crimes. Até recomenda formas de responder ao questionário da perícia. No lugar de colocar "não", para dizer que não há certeza de que uma lesão é consequência de tortura, o manual sugere assinalar "sem elementos".

A diferença tem grandes implicações nos tribunais. Uma negativa do legista pode anular indícios relevantes para o caso. Mas uma resposta ponderada abre a possibilidade para uma apuração completa. (RM)